

JENNIFER HILLIER

Jennifer Hillier é
mestre do suspense.

FREIDA MCFADDEN,
autora nº 1 do *New York Times*

GREEP

DESAJUSTADO

JENNIFER HILLIER

CREEP

DESAJUSTADO

TRADUÇÃO
CARLOS SZLAK



FARO
EDITORIAL

*Para Victoria Skurnick,
por tudo*



1.

TRÊS MESES. ESSE ERA O TEMPO QUE JÁ DURAVA O CASO DA DOUTORA SHEILA Tao com Ethan Wolfe. Aproximadamente três meses, quatro dias e seis horas.

O problema não era a diferença de dezesseis anos entre eles. Tampouco o fato de ela ser sua professora e ele, seu assistente de ensino. O problema era que Sheila estava noiva de Morris, e agora o caso com Ethan tinha que acabar. Fim dos “encontros” semanais no motel bem próximo do campus que alugava quartos por hora. Fim das escapadas secretas. Fim das mentiras. Fim de mergulhar naquele abismo de depressão que a consumia por dias após cada um dos encontros.

Precisava acabar. Tudo. Sheila e sua terapeuta vinham batalhando muito para isso. Sim, até psicólogos têm psicólogos.

Não seria fácil. Ethan era bonitão e habituado a conseguir o que queria. Droga, ele a havia seduzido, apesar de Sheila desconfiar que nem mesmo sua terapeuta acreditava nisso.

Sheila e Ethan estavam em uma sala bem iluminada, no canto do quarto andar do prédio da Psicologia da Universidade Estadual de Puget Sound. Relaxado e descontraído, ele estava de pernas abertas, calça jeans, daquele jeito convencido de sentar de que tanto gostava. A mesa entre os dois estava cheia de papéis: uma desordem organizada que servia como barreira improvisada.

Observando-o, Sheila via os lábios carnudos dele formarem palavras que só captava pela metade. Não havia nada de impreciso na beleza de Ethan, mas ele a minimizava com camisetas surradas, jeans gastos e tênis sujos. O abdômen sarado não saltava aos olhos sob a camiseta folgada, mas Sheila podia muito bem imaginá-lo.

Ela não fazia ideia de como Ethan reagiria à notícia. Conhecia-o havia tempo suficiente para entender sua propensão à ordem, e estava prestes a abalar a rotina que tinham estabelecido nos últimos três meses.

De seus cinco assistentes de ensino, Ethan era o mais brilhante e ambicioso. A inteligência e a determinação desempenharam um papel importante em seu encanto. Eles estavam discutindo as notas do concorrido curso de verão de psicologia social para graduação. Até agora, nenhum dos dois havia comentado o motivo de a reunião desta manhã acontecer na sala dela, em vez de no quarto 16 do motel. Ela sabia que ele devia estar pensando nisso, porque ela também estava.

Obrigou-se a prestar atenção no que Ethan dizia.

— Danny Ambrose não merece um B — ele disse, com as mãos apoiadas nos braços da cadeira dele. Ethan nunca gesticulava ao falar, mesmo quando se entusiasmava com algo. — São óbvias demais as semelhanças que ele assinalou entre o experimento de Milgram e os nazistas.

Sheila estava prestes a invalidar a nota que ele havia dado a um dos alunos de graduação dela. Em sinal de desagrado, Ethan franziu a testa. Não estava acostumado com isso. Eles raramente discordavam.

— Danny perde pontos pela falta de originalidade, mas você não acha que a argumentação dele é consistente? — Sheila sorriu para suavizar suas palavras. — É apenas uma turma do segundo ano, Ethan. Ele fez o que foi pedido e se saiu melhor que a média. Falei com Danny pessoalmente outro dia. Ele é um bom rapaz e corre o risco de perder a bolsa se dermos um C. Eu realmente detestaria que isso acontecesse.

Sheila quase conseguia perceber Ethan formulando um argumento contrário. Na maioria das vezes, ela estimulava debates saudáveis, mas naquela manhã não estava com disposição. Havia uma conversa que precisavam ter, e ela estava tendo dificuldade para conduzi-los nessa direção.

Ela esperou, permanecendo em silêncio. Se não pressionasse, Ethan acabaria cedendo. O segredo era deixá-lo pensar e resolver aquilo sozinho.

— Tudo bem — Ethan disse por fim. — Você venceu, Sheila. Danny ganha um B. Sortudo. Meu Deus, detesto quando você impõe sua autoridade sobre mim. — Abaixando a voz, ele olhou por cima do ombro para a porta aberta atrás de si. — Depois você vai ter de me recompensar. — Ele se inclinou para a frente e deslizou um dedo pelo dorso da mão esquerda dela, com os lábios curvados no meio-sorriso de que ela tanto gostava.

Ethan roçou com o dedo o aro do novo anel de diamantes de Sheila, virando para dentro para que a pedra ficasse escondida, tocando a palma. Ele dirigiu o olhar para a mão dela.

Ela ficou surpresa por ele ter demorado tanto para perceber. *Aqui vamos nós.*

Instintivamente, Sheila tentou puxar a mão, mas isso só pioraria a situação. Forçando-se a parecer relaxada, girou o aro de platina. Ethan arregalou os olhos ao ver o diamante de quatro quilates.

— O que é isso? — ele perguntou. O tom leve destoava da expressão do rosto. Em sinal de tensão, um rubor surgiu pouco acima da gola da camiseta dele. Ethan tocou a pedra com o dedo, deixando uma mancha nela.

Sheila resistiu à vontade de limpar a pedra. A face de um diamante daquele tamanho era como vidro. Morris era sócio sênior do Bindle Brothers, o maior banco de investimentos do noroeste do país, e não havia economizado.

Sheila retirou a mão. — Feche a porta, por favor — ela pediu. — Só por alguns minutos. Precisamos conversar sobre uma coisa.

Ethan ficou rígido, como Sheila previra. Ele se sentia à vontade em uma sala de aula, mas ambos sabiam que não gostava de portas fechadas em espaços pequenos. Tinha algo a ver com sua infância e ter ficado preso em um armário durante horas. Sheila não sabia exatamente, pois ele sempre fora vago sobre o assunto. No pequeno quarto do motel, as janelas precisavam estar sempre abertas, mesmo se estivesse chovendo.

— Por favor? — ela insistiu. — É só por um instante, para que possamos conversar em particular. Vou abrir a janela.

Com relutância, Ethan fechou a porta da sala, enquanto Sheila abria completamente a janela basculante atrás de si. Uma rajada do calor de agosto entrou no ambiente com ar-condicionado. Ele esperou em silêncio, com a expressão impassível.

Não havia outra saída senão ser direta. — Morris e eu vamos nos casar.

Ethan recostou-se na cadeira e a encarou com os olhos cinza-claros indecifráveis. Novamente, ela esperou. O zumbido do ar-condicionado reverberava na sala.

— Quando isso aconteceu?

— No sábado. — Cinco noites atrás.

Ethan percorreu a sala com os olhos. Não era do tipo que evitava contato visual. Então, ela supôs que ele estivesse assimilando a informação. Por um instante, Ethan fixou o olhar numa pequena foto emoldurada de Sheila e Morris, no parapeito da janela, antes de voltar para ela.

— Bem, isso é uma notícia e tanto, mas não muda nada entre nós.

— Muda tudo. — Ela falou sem pensar, antes que pudesse avaliar o impacto. Mordeu o lábio; ainda assim, seguiu adiante. — Não posso mais me envolver com você fora do trabalho.

Ele não piscou. — Assim, sem mais nem menos.

— Sinto muito.

Ethan expirou, e Sheila percebeu um leve cheiro do chiclete de canela que ele mascara mais cedo. Ethan sempre mascava chiclete de canela, e, se ela fechasse os olhos, quase podia sentir o gosto, quase podia sentir a língua dele, doce e picante, dentro de sua boca...

— Parabéns — ele disse, dando um sorriso amarelo.

— Obrigada.

— Quando é o casamento?

— Dez de outubro.

O sorriso dele se mostrou indecifrável para ela. Não era por achar graça, por estar contrariado ou por um desejo de agradar. Era algo completamente diferente.

— Tão rápido. Por que a pressa?

Sheila tinha se preparado para aquela pergunta, ensaiando a resposta mentalmente durante o trajeto até o trabalho naquela manhã. Foi respondida sem hesitação.

— Tenho trinta e nove anos e não vou ficar mais jovem. Não aguento mais viver sozinha, Ethan. Eu amo o Morris. Queremos começar nossa vida juntos. Nós... Talvez ainda dê tempo de ter filhos.

— O que devo vestir no casamento?

Atônita, ela ficou boquiaberta, mas não conseguiu dizer nada.

— Estou brincando — Ethan disse, com o olhar finalmente deixando entrever um resquício de divertimento. — Foi só uma piada, Sheila. Eu não iria nem que fosse convidado. Não existe uma regra sobre ir a casamentos de pessoas com quem você já fodeu?

Ela fez uma careta. Não tinha nenhum problema com palavrões, mas ali, naquele momento, soou duro demais.

— Pois é. Melhor que tenha acabado — Ethan disse e, com um gesto nervoso, passou a mão pelo cabelo curto e desgrehado. — Pensando bem, isso já devia ter terminado há muito tempo. Lembra quando seu pai morreu? Como você ficou abalada?

Sheila sentiu o estômago embrulhar. — Claro que lembro. — Havia se passado apenas três meses desde que o pai, de quem ela se afastara, morrera de câncer no fígado. Três dias antes de o caso com Ethan começar. Ela sabia que aquilo fora o gatilho.

— Eu nunca quis que isso fosse algo sério — ele disse em voz baixa, acusatória. — Mas você estava supercarente. Não parava de me pedir para ficar.

Foi um tapa na cara sutil, mas indiscutível. *Por favor, fique.* Sim, essas foram exatamente as palavras dela, palavras que sussurrara a Ethan na manhã seguinte ao funeral do pai, enquanto estava deitada ao lado dele, ambos nus, sob os lençóis ásperos do motel. Doía pensar que ele pudesse trazer aquilo à tona agora, como se estivessem falando da previsão do tempo.

— O momento não foi dos melhores — ele disse, dando de ombros, em sinal de resignação. — Eu não podia fazer isso com você. Mas, na verdade, deveria ter acabado logo depois de começar.

— Você já disse isso.

— Você está brava? — ele perguntou com uma expressão aberta, interessada. — Não fique brava, Sheila. Não me arrependo que tenha durado o tempo que durou. Mas tudo que é bom chega ao fim. Isso não vai mudar nada em nossa relação profissional. Ainda trabalhamos muito bem juntos.

Ethan recostou-se com um sorriso malicioso.

De repente, Sheila se enfureceu. Quem, afinal, estava dando o fora em quem? Ela passara dias se angustiando com essa conversa, pensando no que dizer a ele e como dizer, alternando entre a felicidade suprema pelo noivado e pontadas de arrependimento pelo caso, preocupada em magoar Morris, magoar Ethan, magoar a si mesma. Nada disso tinha sido simples. Nada.

Mas ali estava Ethan, relaxado como numa manhã de domingo, com seu rosto atraente, expressando piedade e arrependimento.

Sheila juntou os papéis na mesa em pilhas organizadas para impedir que as mãos tremessem, pensando com cuidado no que queria dizer em seguida.

— Pois bem, a respeito disso, não acho que devêssemos continuar trabalhando juntos — Sheila disse com a voz contida, forçando-se a manter a calma. — Vou recomendar que você trabalhe com o doutor Easton daqui em diante.

Isso o pegou de surpresa. — Você não está falando sério, está?

— Estou. — Ela sorriu, satisfeita com a reação dele, e então foi teatral ao enxugar a testa. — Sabe de uma coisa? Preciso fechar a janela. Está muito quente aqui, e o ar-condicionado não está conseguindo resfriar a sala. Você sabe como eu fico quando está abafado.

— Não feche, Sheila...

Ela se levantou rapidamente e fechou a janela. Quando se voltou para Ethan, ele estava paralisado. Sheila voltou a se sentar e cruzou as pernas, sem se preocupar em esconder um sorriso discreto.

— Prometo que a transição vai ser fácil. O doutor Easton ficou impressionado com o trabalho que você fez no curso de teoria avançada de personalidade no semestre passado. A expertise dele em comportamento desviante só

tende a acrescentar a sua dissertação. — Sheila abriu um sorriso mais largo. — Não se preocupe, o departamento não vai se opor à mudança. Até o fim do próximo semestre, você pode continuar como meu assistente de ensino, mas depois do Natal...

— Eu não quero mudar — ele disse. Gotas de suor surgiram no contorno do couro cabeludo, ainda que a sala estivesse esfriando. — Tenho menos de um ano pela frente. Não quero lidar com as manias de um novo orientador.

— Farei tudo o que puder para ajudar.

Continuaram sentados, encarando-se. Era embaraçoso manter o silêncio, mas Sheila sabia que quem falasse primeiro sairia perdendo.

— Você está querendo se livrar de mim — Ethan sussurrou com raiva. Manchas circulares de suor haviam se formado sob as axilas, molhando o tecido da camiseta cinza. — Quer saber de uma coisa? Não vou mudar. Já trabalho com você há quase três semestres. Você não vai me passar para outra pessoa só porque vai se casar e não quer se lembrar de que transou com alguém da equipe. Minha dissertação está quase pronta — ele continuou, respirando com dificuldade e com gotas de suor escorrendo pela têmpora esquerda.

Sheila tinha cerca de trinta segundos antes que ele perdesse totalmente o controle; a claustrofobia podia ser debilitante. — E prometo que nada vai mudar — ela disse de novo. — O doutor Easton sempre o admirou e...

— O doutor Easton é uma besta quadrada! — Ethan golpeou a mesa com as mãos, fazendo a pilha de trabalhos acadêmicos cair. Naquele momento, o ar-condicionado fez uma pausa, deixando a sala subitamente silenciosa. Apondo o dedo para ela, Ethan ficou de pé. — Não vou trabalhar com ele. Você vai terminar comigo o que começou.

Sheila se esforçou para parecer impassível. — Você não tem escolha. Posso transferi-lo quando eu quiser, por qualquer motivo.

— É mesmo? E o que o diretor diria sobre isso? — Ethan se avultava sobre a mesa dela. Gotas de suor pingavam nos trabalhos, transformando a tinta em borrões informes.

— O diretor Simmons vai me apoiar, claro — ela disse, erguendo os olhos para ele.

— Mesmo depois de ver você na internet dando o rabo?

— Como assim? Do que você está falando? — Ela fez uma pausa. Sentiu a boca ficar seca e o coração disparar, batendo com tanta força que achou que a blusa de seda estava se mexendo. — Você apagou aquilo de seu celular. Eu vi você apagando.

— Tem certeza? — Ethan perguntou com o olhar vazio, sem emoção. Ele continuava transpirando, mas conseguira controlar a voz. — Será que não mandei por e-mail para mim mesmo antes? Tem certeza absoluta?

A têmpora dela começou a latejar. De repente, as luzes fluorescentes no teto ficaram brilhantes demais, as paredes amarelas demais, o barulho do ar-condicionado alto demais. Suas axilas formigaram, e Sheila sentiu cheiro de cebola. O cheiro do corpo de Ethan. Ou era o dela mesma?

— Você não teria coragem — ela sussurrou.

— Duvida? — Ele sorriu, triunfante, ao enxugar o suor da testa com a mão. Dando as costas para ela, finalmente abriu a porta da sala com força e saiu, respirando fundo o ar abafado do corredor.

Atônita, Sheila se sentou. A chance de Ethan estar blefando era alta — o instinto dela dizia que o vídeo já não existia, que ele não tivera tempo de enviá-lo do celular antes de ela o fazer apagar — mas, caramba, isso não bastava. Se algo do gênero aparecesse em CampusAnonymous.com, um site notório por focos escandalosas e comentários sórdidos sobre tudo o que envolvia a universidade, ela estaria perdida. O vídeo viralizaria num piscar de olhos, e duas décadas de trabalho duro seriam apagadas como uma fogueira sob uma tempestade.

Ter um caso com um aluno era uma coisa. Acontecia o tempo todo; ela se lembrava de três docentes que, no passado, se envolveram com estudantes e não haviam recebido mais do que um puxão de orelha. E Ethan tinha vinte e três anos, e nenhum dos dois era casado, o que contava a favor.

Mas um vídeo? Pouco importava com quem ela estivesse transando; um vídeo dela se contorcendo nua na internet a faria ser demitida. Sem qualquer audiência, sem chance de se defender: apenas uma hora para recolher seus pertences pessoais e ser escoraçada dali, sem direito a nada.

Como pude ter sido tão burra?

Uma voz interrompeu seus pensamentos. Sheila ergueu os olhos e viu Valerie Kim, outra assistente de ensino dela, parada à porta, logo atrás de Ethan.

— Só um instante, Val — Ethan disse para a jovem franzina. Seu tom não denunciava nem de longe a tensão que preenchia a sala. — A professora e eu estamos quase terminando aqui.

— Tudo bem. — Valerie olhou além de Ethan, para o interior da sala, na direção de Sheila. — Posso voltar daqui a cinco minutos.

— Não precisa — Sheila disse, dando um sorriso amarelo. — Entre, Valerie.

Ethan tornou a entrar na sala e, de maneira ostensiva, fez questão de juntar os trabalhos espalhados sobre a mesa. Colocando a bolsa velha de couro

cruzada sobre o peito, deu um sorriso irônico para Sheila. — A gente se vê na semana que vem, doutora Tao. Obrigado por seu tempo.

— Sim, nos vemos — Sheila disse. Ela se curvou, sentindo o peso de tudo sobre as costas.

Ao sair da sala, Ethan piscou para Valerie. — Ela é toda sua.

Zonza, Sheila o ouviu assobiando enquanto percorria o corredor sem pressa, totalmente despreocupado. Que porra tinha acabado de acontecer?

— Você ficou sabendo, professora? — Valerie perguntou, ofegante. A assistente de ensino com rabo de cavalo se jogou na cadeira à frente de Sheila e revirou a bolsa em busca de sua pilha de trabalhos para revisar. — O corpo de Diana St. Clair foi encontrado esta manhã.

— Hã? — Sheila não conseguia assimilar o que a aluna de pós-graduação estava dizendo. De alguma forma, ela havia subestimado Ethan Wolfe completamente. Ele tinha sido mais esperto que ela. Como isso era possível? Maldito seja ele. *Maldita seja ela*. Isso era um desastre. Será que ele tinha mesmo aquele vídeo? Ethan o havia gravado várias semanas atrás, e talvez sua memória estivesse nebulosa, mas ela tinha certeza de que o havia visto apagá-lo logo em seguida, lembrava-se do alívio que sentiu ao ver que tinha desaparecido...

— A nadadora, Diana St. Clair — Valerie estava dizendo.

— Sim, claro que sei que ela está desaparecida — Sheila respondeu, irritada. Uma gota do suor de Ethan permanecia na mesa, e ela a limpou. Forçou-se a se concentrar no rosto bonito de Valerie. — Qual é a novidade?

— Ainda não sei todos os detalhes — a pós-graduanda disse, com um tom adequadamente sombrio, apesar de seu olhar refletir uma excitação mórbida. — Ela foi encontrada boiando na baía de Puget Sound no início da manhã. Um passageiro da balsa a avistou.

— Ela *se afogou*? — Espantada, Sheila levou a mão à boca. Agora Valerie tinha toda a sua atenção. — Como isso é possível?

A história era conhecida por todos. Estava em todos os noticiários. Diana St. Clair era motivo de orgulho da Universidade Estadual de Puget Sound (PSSU), campeã da elite da natação universitária e esperança olímpica. Ela tinha desaparecido depois do treino de natação havia mais de uma semana, e todo mundo no campus só falava disso. Surgiram diversas teorias sobre seu desaparecimento: ela teria fugido para o Brasil com um rapaz que conhecera na internet; teria desistido da natação, mas não tinha coragem de contar aos pais; estaria grávida e escondendo isso dos patrocinadores...

— Ela não morreu afogada. Ouvi dizer que foi esfaqueada primeiro. — Valerie fez uma pausa dramática. — Várias vezes.

— Puta merda! — Sheila exclamou, endireitando-se na cadeira.

Valerie pareceu satisfeita ao ouvir a professora soltar um palavrão. — Fiquei sabendo que vão adotar novas medidas de segurança por causa disso. — Evidentemente, Valerie tinha ouvido muita coisa. — Meu namorado trabalha meio período no departamento de comunicação. Vão divulgar um boletim ainda hoje.

— Puta merda. — Sheila parecia desnorteada ao tentar processar a notícia.

Diana St. Clair havia sido sua aluna. Sheila nunca tinha conhecido alguém que tivesse sido assassinada.

Até hoje.

2.

O E-MAIL ENVIADO PELO DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA DA UNIVERSIDADE cumpriu bem sua função ao detalhar as novas medidas de segurança que todos os professores, funcionários e estudantes deveriam seguir. Porém, no final das contas, não serviu para nada, porque ninguém levou o comunicado a sério. Ninguém na universidade estava preocupado.

Fazia quase uma semana que o corpo de Diana St. Clair fora encontrado, e a polícia de Seattle ainda não conseguia dizer exatamente onde a nadadora tinha sido assassinada. O corpo esfaqueado e em decomposição, inchado e cheio de gases após dias boiando na baía de Puget Sound, não fornecia nenhuma evidência de que ela tivesse sido morta no campus ou em qualquer lugar próximo à universidade. A polícia vasculhou o campus, e nada foi descoberto. Não faziam ideia se ela havia sido perseguida ou raptada por alguém que conhecia, ou se o assassinato fora aleatório. A única coisa que podiam confirmar era que Diana tivera relações sexuais antes de morrer, e que todos próximos a ela — incluindo seu namorado, o também nadador Donovan Langley — tinham álbis incontestáveis a respeito de onde estavam no momento em que ela foi morta.

Em resumo, a polícia de Seattle não tinha nada. E, além de seu obituário e de um artigo longo e piegas no jornal da universidade, nada mais fora escrito sobre Diana depois do enterro.

Era trágico. E para Sheila, a maior tragédia não era simplesmente o fato de Diana ter sido assassinada, mas a rapidez com que a bela estudante fora esquecida. Todo mundo seguiu em frente. O noticiário local agora estava cheio de matérias sobre uma ameaça de bomba no aeroporto de Sea-Tac. Que mundo era esse?

Ela estava sozinha em sua sala, tentando se lembrar da última vez em que tivera contato com Diana. Devia ter sido cerca de um ano atrás, pouco antes da prova de psicologia social no meio do semestre de outono. Diana solicitara uma

prova antecipada, um pedido comum dos atletas universitários que tinham compromissos com seus esportes. Sheila havia recebido uma carta do treinador de Diana para que a nadadora pudesse ir logo em seguida para a Universidade da Califórnia em Irvine para participar de uma importante competição.

Era curioso como Sheila conseguia se lembrar de algo tão específico de um ano atrás, que por si só não era memorável. Porém, a própria Diana fora alguém inesquecível: aluna exemplar, alta como uma modelo de passarela, cabelo loiro longo, extremamente focada. Tinha o mundo a seus pés.

Pensando bem, não foi Ethan quem supervisionou a prova de Diana naquele semestre? Sheila agora se perguntava o que ele achava sobre o assassinato. Ela tivera a intenção de perguntar sua opinião a respeito do sumiço de Diana depois que a nadadora foi dada como desaparecida. Foi naquela manhã que ela e Ethan chegaram cedo ao trabalho. Sem sequer cumprimentá-la, ele beijou sua nuca e enfiou a mão por baixo da saia para baixar sua calcinha, bem aqui na...

Uma batida na porta interrompeu suas lembranças. Ela ergueu os olhos e viu o um metro e noventa e três de seu noivo banqueiro de investimentos parado ali. Sentiu o rosto corar. *Meu Deus.*

— Quase não quis bater. Você parecia tão absorta em seus pensamentos — Morris Gardener disse com um sorriso largo, seu carregado sotaque texano ressoando pela sala. Morris costumava jogar futebol americano profissional, e os ombros largos praticamente ocupavam toda a largura do vão da porta. — Pensando em mim, eu espero.

— Melhor você não saber no que eu estava pensando — Sheila disse, com a última palavra saindo rouca de sua garganta seca. Ela pegou a garrafa de água da mesa a sua frente e tomou um gole antes de se levantar para lhe dar um beijo.

Por alguns instantes, Morris a abraçou com seus braços fortes. Encostando o rosto no peito musculoso do noivo, Sheila sentiu o cheiro dele: sabonete, água e loção pós-barba aromática, uma combinação reconfortante. Ele a beijou novamente.

— Que surpresa. O que te traz aqui? — Sheila voltou a se sentar e ajeitou a saia, uma desculpa para secar as mãos suadas. Estava sem fôlego, embora não houvesse motivo físico para isso. Olhou para o noivo sentado diante dela, na mesma mesa em que ela e Ethan tinham uma vez...

Pare com isso.

Morris sorriu para ela, com os olhos azuis cintilando. — Preciso de um motivo para ver minha futura esposa?

— Nunca. — Ela forçou um sorriso. — Mas já faz tempo que você não aparece para me ver no trabalho.

E agradeça a Deus por isso, sua idiota. Você vai direto para o inferno.

— Esqueci como sua sala é agradável. — Morris relaxou na cadeira e olhou para as paredes amarelas acolhedoras e para os diversos vasos de plantas. Fixou o olhar na foto emoldurada dos dois na noite em que ficaram noivos. — Normalmente não te surpreendo, não é?

— Bem...

— Por isso trouxe isto para você. — Ele tirou uma caixinha de veludo do bolso interno do paletó e a deslizou pela mesa. — Surpresa, querida. Há um ano tivemos nosso primeiro encontro de verdade. Feliz aniversário.

Ela ficou olhando para a caixinha, se dando conta da situação. — Caramba, é nosso aniversário. Fugiu completamente da minha cabeça. — Ficou chocada com mais um vacilo.

De modo sugestivo, ele piscou. — Eu já imaginava. Sem problemas. Você anda muito ocupada com o trabalho e os preparativos para o casamento, e eu estava enrolado com aquele negócio de Okinawa. Nem acredito que me lembrei.

— Vou compensá-lo, prometo. — Ela se imaginou dando uma tapa forte no próprio rosto. *Sua imbecil. Você não o merece.*

— Bem, não fique aí sentada com essa cara de boba. Abra. — Morris empurrou a caixinha para mais perto dela.

— O que é?

— Pelo amor de Deus, mulher, abra logo — ele disse, rindo. — Só há um jeito de descobrir.

Sheila pegou a caixinha de veludo e girou o fecho prateado. Prendeu a respiração ao levantar a tampa. Aninhada dentro, sobre um leito de cetim azul-escuro, estava uma pulseira de diamantes, brilhando como estrelinhas sob as luzes fluorescentes da sala.

Era uma peça deslumbrante.

— Uau — ela suspirou.

— Gostou? — Morris perguntou, observando atentamente sua expressão.

— Se eu gostei? — Sheila olhava fixamente para a pulseira, maravilhada e atônita. — Claro que gostei, seu louco. É maravilhosa.

— Se estiver muito grande, posso pedir ao joalheiro para tirar alguns diamantes. Talvez até dê para fazer um par de brincos para você. — Ele ficou encantado com a reação de Sheila, abrindo um sorrindo de orelha a orelha. E ele era quem havia dado o presente.

Ela segurou a pulseira sob a luz e ficou olhando para ela maravilhada. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Morris... Você realmente não precisava. Isso é demais.

— Vale a pena só para ver sua expressão — ele disse com orgulho. A dele era tão apaixonada que Sheila quase perdeu o controle. — É um presente de casamento antecipado. Você merece, querida. Merece tudo o que eu puder te dar.

Não, não mereço. Não mereço mesmo. Ela queria se esconder debaixo da mesa e morrer. A mesma mesa onde ela deixara Ethan passar as mãos sujas em todo o seu corpo.

Sheila estendeu o braço para ele, dando um sorriso afetado. — Coloca em mim?

Ele obedeceu. Coube perfeitamente, complementando com primor seu anel de noivado de platina.

— Droga, lá se vão meus brincos — ela conseguiu brincar.

Morris ergueu a sobrancelha. — Ainda bem que deixei algo reservado na joalheria. Faltam poucos meses para o Natal.

A vergonha era grande demais. Esforçando-se para se recompor, Sheila contornou a mesa e se sentou no colo de Morris, passando os braços em torno de seu pescoço grosso.

— Eu te amo — sussurrou, beijando-lhe os lábios, a testa, o queixo, sentindo o cabelo dele ainda úmido da chuva lá fora. — Obrigada. É linda. Assim como você.

— Eu também te amo — Morris disse, retribuindo os beijos. Ele acariciou o cabelo dela. — Você não faz ideia do quanto me deixa feliz.

Sheila recuou alguns centímetros para poder ver bem o rosto de Morris. Era agora ou nunca.

— Morris, tem algo que eu preciso...

Um movimento chamou sua atenção.

Ela parou de falar ao ver Ethan parado no vão da porta aberta, observando-os. Ela não o via fazia dias, desde o rompimento e o confronto que se seguiu. Ele estava com uma expressão tensa e os olhos semicerrados, contendo a raiva. Ao perceber que fora notado, Ethan imediatamente assumiu uma expressão mais neutra.

— Desculpe interromper, doutora Tao — Ethan disse educadamente, mas a voz soou áspera. Ele mostrou o livro que tinha nas mãos. — Vim te devolver.

Morris entregou um lenço a Sheila, que enxugou rapidamente os olhos e se levantou do colo do noivo. — Tudo bem, Ethan. Pode deixar ali. — Ela indicou a estante pequena e abarrotada ao lado da porta.

Ethan colocou o livro sobre a pilha de papéis, dirigindo olhares rápidos para Morris. Esforçando-se para manter o controle, o aluno de pós-graduação cerrou os dentes. Parecia anormalmente tenso, mas de fato Ethan nunca havia conhecido Morris. Talvez tivesse presumido que Sheila romperia o noivado depois das ameaças que ele fizera na outra semana. Ameaças que continuavam a pairar como um laço em torno de seu pescoço infiel.

Por fim, o pós-graduando estendeu a mão na direção de Morris.

— Você deve ser o felizardo que vai se casar com a doutora Tao — Ethan disse, num tom caloroso que contradizia a frieza de seus olhos. — Reconheci você pelas fotos na parede. Parabéns pelo casamento que se aproxima.

Morris ficou de pé. Imediatamente, seu porte eclipsou o de Ethan. Apertou a mão do homem mais jovem com força, como era característico dele.

— Obrigado, muito obrigado mesmo. Desculpe, não prestei atenção em seu nome...

— Ethan Wolfe. Sou um dos assistentes de ensino da professora — ele disse e desviou o olhar para Sheila. — Há quanto tempo estamos juntos mesmo? Três meses?

— Você quer dizer três semestres. — A voz de Sheila saiu sufocada.

— Claro! — Morris disse, alto demais para um escritório de tamanho modesto. — Sheila já falou de você várias vezes.

Sheila mordeu a língua. Sempre o texano educado. O nome de Ethan nunca havia sido mencionado nas conversas com Morris. Ela tinha certeza absoluta disso.

— Me diga uma coisa, Ethan. — Morris ostentava seu sorriso de sabichão. — Como é trabalhar com ela? Ela é tão dura com vocês quanto é comigo?

— Ela é bastante exigente. — Ethan piscou para Sheila, que observava toda a conversa em estado de choque. — Nunca tem medo de me dizer do que precisa. Mas tudo bem. Já sei como agradá-la.

Não vomite. — Você está falando dos biscoitos caseiros de aveia com passas? — Sheila sentia o estômago embrulhado. — Aqueles que sua namorada faz?

Ethan riu e relaxou, apoiando-se contra o batente da porta. — Isso. Os *biscoitos*. É uma receita da avó da minha namorada — disse, dirigindo-se a Morris. Está na família há gerações. Sempre que preciso de um favor especial, trago um pote de biscoitos fresquinhos de Abby para a doutora Tao. Sempre funciona para conseguir o que quero.

Sheila precisou se controlar para não esbofetear Ethan e sua arrogância.

Morris olhou para Sheila fingindo escrutínio e lhe deu uma cotovelada de brincadeira. — É mesmo? Puxa, você nunca levou um biscoito para mim.

— Ela come todos no trabalho — Ethan disse. — Diz que são mais gostosos do que os que ela come em casa.

Sheila achou que ia desmaiar.

Morris riu alto, sem perceber o duplo sentido. As costas e os ombros de Sheila começaram a doer de nervoso. Sua sala nunca havia parecido tão pequena.

— Acertou em cheio essa. — Morris deu um tapinha no ombro de Ethan. — Sheila tem um fraco por doces. Embora eu não a tenha visto comer nada muito doce ultimamente, com o casamento chegando. Ela quer ficar esguia no vestido de noiva. Você sabe como são as mulheres.

— Com certeza. — Os olhos de Ethan brilharam. — Doutora Tao, já que te peguei aqui, gostaria de pedir um favor. Infelizmente, não trouxe nenhum biscoito. — O tom dele ficou sério, e Sheila sentiu outra onda de náusea tomar conta dela.

— Do que se trata, Ethan? — Ela forçou o que esperava ser visto como um sorriso natural.

Ele fixou o olhar na nova pulseira de diamantes de Sheila. — Seria possível me dispensar das funções de supervisão das provas na próxima semana? Estou atrasado com a dissertação e quero marcar algumas entrevistas no bandejão. Por mais que eu tente, não consigo estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Ele não está falando sério. Em todos os anos que Sheila havia orientado assistentes de ensino, não se lembrava de nenhum que pedisse para ser dispensado da função de supervisor de provas. Fazia parte do trabalho.

Ela procurou freneticamente as palavras certas, esforçando-se para manter a voz firme. — Você está me avisando muito em cima da hora. Vou ter que pedir a alguém da turma do doutor Easton para cobrir você. As provas de meio do semestre são na próxima terça-feira. E você já não tem diversos pedidos de provas antecipadas?

Ethan deu de ombros. — Sim, tenho quatro agendadas. Mas, sabe, você tem me feito trabalhar bastante ultimamente. Então meio que acho que me deve um favor. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e inclinou a cabeça para o lado, com um ar de provocação.

Filho da puta nojento.

Sheila arriscou um olhar para Morris e viu que sua expressão era de cortesia desconfiada. Morris era grande e forte, mas não burro. Ela sabia que ele captara a tensão sutil que se instalara no ambiente.

— Acho que devo mesmo — Sheila disse. — Vou ver o que posso fazer.

— Obrigado. — Ethan olhou para Morris. — Realmente é muito bom trabalhar com ela. Todos os alunos de pós-graduação em psicologia querem ser

orientados pela doutora Tao. Tenho muita sorte de tê-la como orientadora. Enfim, preciso ir para casa, mas foi um prazer conhecê-lo, Morris. — Ethan voltou a estender a mão.

Morris a apertou, mas agora sem a mesma dose de entusiasmo de momentos antes. — Igualmente. Vá com cuidado para casa, rapaz. Está caindo um aguaceiro lá fora.

Ethan encafifou com a palavra *rapaz*, mas se virou e saiu da sala tão discretamente quanto havia entrado. Sheila voltou para trás da mesa e desabou na cadeira, exausta. Tornou a secar as mãos suadas na saia e se esforçou para controlar as emoções, mantendo as mãos sob a mesa para que Morris não as visse tremer. Ouviu com atenção os passos de Ethan e se sentiu aliviada quando eles enfim se perderam na distância.

— O que foi isso? — Morris perguntou, fechando a porta com firmeza. — Por que tenho a nítida impressão de que ele acabou de te passar a perna?

Sheila fez um gesto vago com a mão. — Não se preocupe com isso. Ele é um moleque mimado.

— Deu pra perceber. — Morris se inclinou para a frente, examinando a expressão de Sheila. Exigiu dela toda a força possível para não desviar o olhar. — Escuta, querida, não é da minha conta dizer como fazer seu trabalho. Deus sabe que eu não gostaria que você me dissesse como fazer o meu. Mas acho que nesse caso devo dar um conselho bem-intencionado. Acredite em mim quando digo que você precisa botar esse garoto na linha. Lembre-se de que ele trabalha para *você*. Não cabe a ele dizer qual vai ser a agenda na semana que vem. Seria bom ligar para ele amanhã e deixar claro que é melhor ele estar onde deve estar, ou então não vai se sair muito bem na próxima avaliação de desempenho.

— Você tem toda razão, querido — Sheila disse, denotando tensão. — Não é da sua conta. — Ela tentou sorrir para suavizar suas palavras. — Não se preocupe, eu sei lidar com meus alunos.

Claro que era uma mentira, mas ela a disse com facilidade.